



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



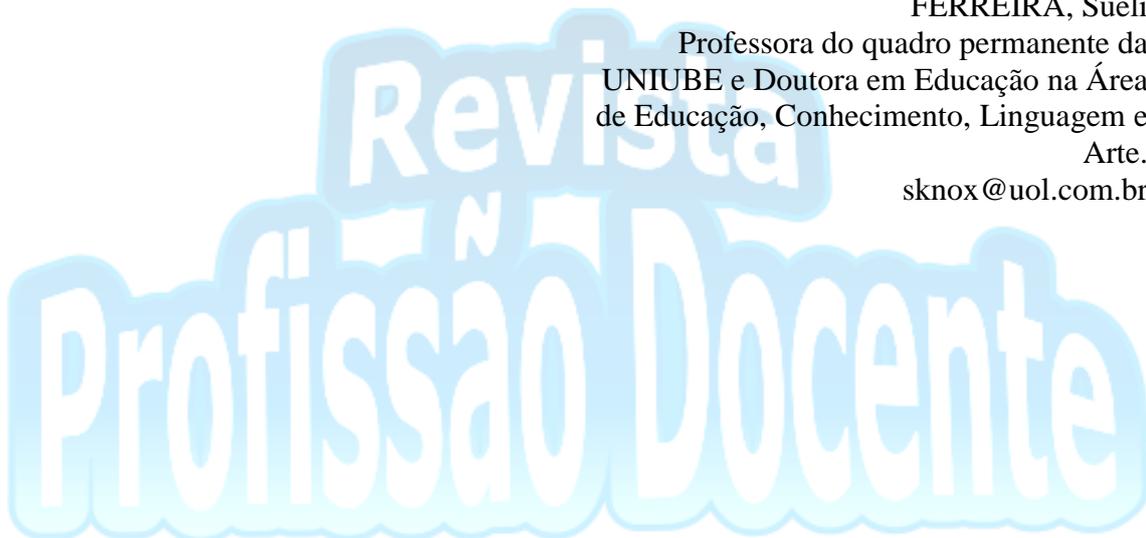
UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

O PROFESSOR E A PRÁTICA DIALÓGICA UM FOCO NA CONSTITUIÇÃO DO SENTIDO

FERREIRA, Sueli

Professora do quadro permanente da
UNIUBE e Doutora em Educação na Área
de Educação, Conhecimento, Linguagem e
Arte.

sknox@uol.com.br





Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

RESUMO

Esta abordagem, fundamentada em concepções de Mikhail Bakhtin e Lev S. Vygotsky, enfoca a prática dialógica como a que instaura a relação com o sentido e promove a interação das múltiplas vozes que constituem e atravessam a palavra. A palavra, material semiótico da consciência, tem seus significados e sentidos construídos na relação entre os sujeitos. Trazendo para análise uma situação vivenciada em trabalho de pesquisa, a abordagem aponta para a importância das vozes e silêncios significantes na constituição de práticas do ensinar, que possibilitem o entrecruzar da vida dos aprendentes com o movimento interpretativo das coisas do mundo.

Palavras-chave: prática do ensinar; formação de professores; dialogia e sentido.

RESUMEN

El abordaje basado en las concepciones de Mikhail Bakhtin y Lev. S. Vygotsky enfoca la práctica dialógica como la que establece la relación con el sentido y promueve la interacción de múltiples voces que constituyen y entrecruzan la palabra. La palabra, el semiótico material de la conciencia, tiene sus significados y sentidos construidos en la relación entre los sujetos. Trayendo para el análisis una situación vivida en trabajo de investigación, el abordaje apunta para la importancia de las voces y silencios significantes en la constitución de prácticas de enseñanza, que posibiliten el entrecruzar de la vida de los aprendentes con el movimiento interpretativo de las cosas del mundo.

Palabras-clave: prácticas de enseñanza; formación de profesores; dialogia y sentido.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

A prática dialógica, fundamentada nas concepções de Bakhtin (1992), vem sendo discutida nos cursos de formação de professores, indicando a importância dos aspectos éticos, políticos e epistemológicos na constituição do sujeito atuante e capaz de partilhar, mediar o conhecimento e desenvolver práticas culturais democráticas.

O processo dialógico desenvolvido na sala de aula promove a integração dos múltiplos aspectos que envolvem a cognição, colaborando para que o homem aprenda a ser homem e o conhecimento científico possa florescer. Partindo desse pressuposto, tanto o homem quanto o saber científico avançam à medida que a multiplicidade de vozes se interage.

A interação das múltiplas vozes que compõem o processo cognitivo, tem a possibilidade de se construir através da prática do ensinar, concretizada na perspectiva da dialogia, qual seja, a prática que valoriza o discurso, permeado pela linguagem, como constituinte do sentido, dimensionando a palavra como apoio para a construção do conhecimento e interações sociais. À medida que interagimos com o "outro", constituímos o modo próprio de ler a vida. E, tendo a pluralidade como princípio básico da construção das singularidades, nos envolvemos com as múltiplas vozes que acompanham o processo inter-relacional com as coisas. Ao vermos um artefato e tomarmos consciência de sua existência, estabelecemos relação dialógica com ele, pois tal artefato passa a existir não mais em si e para si, mas também para nós.

A relação dialógica envolve sempre, no mínimo, duas consciências. A dialogia é uma relação com o sentido, constituindo as práticas discursivas efetivadas na sala de aula. Entre essas práticas, é comum a do silenciamento intencional por parte do professor às vozes de seus alunos. Silenciar a voz e a produção de sentido do sujeito aprendente, é, de certa forma, mais fácil do que ouvi-lo, compreendê-lo e interpretar o seu dizer, levando em conta todo o processo de significação que é construído nas interações pessoais. Submetidos ao silenciamento imposto, os aprendentes não só



perdem a oportunidade de negociar os sentidos construídos como, também, podem ter suas condições psíquicas alteradas.

Silenciar a palavra do "outro" é afastá-lo de suas próprias idéias e pensamento, podendo provocar-lhe uma concepção equivocada a respeito de si mesmo, dadas as condições de assujeitamento a que foi exposto. A palavra, utilizável como signo, é o material semiótico da consciência, ou seja, do discurso interior. Apontando para o desempenho da palavra no desenvolvimento do pensamento, Vygotsky afirma que "uma palavra é um microcosmo da consciência humana" (1991, p. 132).

A palavra, conforme ressalta Bakhtin, está em todas as relações entre indivíduos. E para explicar a ubiqüidade social da palavra, o autor diz:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que não abriam caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (grifo do autor) (1995, p.41).

Servindo de mediação entre o aprendente e o professor, a palavra tem seus significados e sentidos construídos na relação entre esses dois sujeitos. Portanto, é de se refletir como está sendo trabalhada a linguagem que emerge dessa relação interpessoal. Quais os significados construídos nessa interação? Como se definem os papéis do professor e do aprendente no uso da linguagem? Qual o modo de participação do sujeito na cultura, ao sentir-se silenciado pelo "outro"?

Trago para análise o recorte de uma situação vivenciada em meu trabalho de pesquisa¹[i], destacando a dinâmica da prática discursiva como mediadora do pensamento, da interpessoalidade, da memória e imaginação.

¹ FERREIRA, S. "Parece, mas não é!": um estudo do movimento interpretativo da criança no diálogo com o texto visual. FE/UNICAMP, 2002.



Características da situação: encontro com um grupo de crianças da 1ª série do Ensino Fundamental, com idade de seis e sete anos. Objetivo: investigar concepções sobre o que é ser artista, o que é ser artista-pintor, o que é obra de arte e como elas se relacionavam com os artefatos culturais que diziam conhecer.

Em roda, as crianças conversavam comigo a respeito desses seus saberes, deixando transparecer, nas interlocuções, que artista é aquele que trabalha na TV ou no cinema, enquanto que artista pintor é o artista ator que pinta ao desempenhar seu papel num filme ou um artista de TV que pinta durante o programa; ou ainda, o animador de programa de TV que pinta no decorrer de sua apresentação. Desse modo, foram citados como artistas pintores: Xuxa, Eliana, Angélica, e um cantor do grupo "Salgadinhos". Nessa linha de raciocínio, uma menina disse conhecer um artista pintor: Leonardo Di Caprio, cujos desenhos de mulher foram realizados no filme "Titanic". Nesses diálogos sobre artistas pintores e artistas, as crianças também revelaram o sentido que atribuíam a essas palavras.

Acrescento, a seguir, os traços de alguns diálogos que foram formulados na tentativa de verificar os conhecimentos das crianças sobre outros pintores, os quais não foram citados acima:

Pesquisadora: Vocês conhecem algum outro homem, ou alguma outra mulher que pinta?

Caroline: A amiga da minha mãe, a Laurinha. Ela faz tudo igualzinho. Parece a foto. Outro dia, fui na casa da Laurinha, ela me deu tinta e um quadro e eu fiz esse mesmo desenho aqui (mostrando seu próprio desenho). Ela falou que ia pendurá na casa dela, e pendurou. Ficou lindo.

Pesquisadora: O que ela faz, depois, com os quadros, você sabe?

Caroline: Ela vende. Pras pessoas da foto.

Robson: Meu pai pinta. Ele vê o desenho e faz igualzinho.

Pesquisadora: Então ele é um artista?

Robson: Ele não é artista. Ele trabalha de jardineiro. Outro dia ele fez um menino e o menino ficou "indêntico".

Elias: Minha irmã pinta. Pinta "Bananas de pijama". Ela pinta num papelão. Ela não é artista. Ela só faz.

Pesquisadora: Quando a pessoa é artista? Pra ser artista pintor precisa fazer o quê?

Elias: Pintá, fazê desenho, fazê pintura, fazê um monte de coisa.

William: Meu tio é pintor. Ele pega um quadro, vai lá fora, faz flor, árvore, passarinho...

Jéssica: Eu conheço um artista do grupo do "Salgadinho". Ele pintou no programa do Gugu.

Thais: Minha mãe pinta. Ela sabe pintá muito bonito. Até eu fiquei de boca aberta.

As interlocuções, além de revelarem o conhecimento das crianças, desencadeavam a memória de experiências vividas, a imaginação e a organização do grupo. Ao mesmo tempo em que enunciavam o saber, as palavras serviam de reguladoras das interações.

Solicitei que ouvissem umas às outras com a intenção de que o já dito pudesse ser complementado com outras experiências vividas em suas interações com a arte. Atendendo tal solicitação, uma voz estimulava a construção de outras vozes, possibilitando as interações verbais, como podemos analisar nas enunciações acima transcritas. Nessa dinâmica, determinadas afirmações provocaram o silêncio de algumas das crianças, porém, é de se ressaltar que o silêncio também é um modo de estar no sentido.

Não é a qualidade física do silêncio, ou seja, a ausência de sons ou palavras, que nos interessa ressaltar aqui. Minha abordagem sobre o silêncio fundamenta-se em concepções de Orlandi (1997), sobre o silêncio fundador:



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

O silêncio não é o vazio, o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma totalidade significativa. Isto nos leva à compreensão do "vazio" da linguagem como um horizonte e não como falta. (grifos da autora) (1997, p.70).

Na perspectiva desse conceito, vozes e silêncios significantes instauraram os sentidos, tornando-se elementos fundamentais no processo de significação construído naquela "troca" e entrelaçamento do vivido.

Os sentidos atribuídos pelas crianças às atividades do artista-pintor revelaram as experiências culturais, impulsionando, até mesmo, a representação cênica que uma das meninas utilizou para mostrar ao grupo seu conhecimento da atividade de um artista pintor: levantou-se, pegou alguns lápis de cor que estavam sobre a carteira, transformou-os em pincéis, fingiu molhá-los na tinta do faz-de-conta, e fez uma das cadeiras servir de tela.

Esses gestos foram acompanhados de sua fala, explicando como o pintor trabalhara e o que ele desenhara. Na continuidade dessa pintura teatralizada, a menina juntou os "pincéis", todos na mão direita, molhou-os nas coloridas tintas imaginárias, e com eles fez um movimento circular na tela-cadeira. Disse terem sido esses os gestos de seu conhecido pintor, para fazer um arco-íris que ficou "tão lindo". Ocupando a posição de interlocutora e participante ativa no processo de produção de sentido, a menina revelou ter se apropriado de algumas das práticas do artista-pintor. As palavras se somaram aos gestos da criança, compondo o processo de significação e sentido.

Os momentos da troca e intercâmbio das idéias ficariam naufragados em afirmações monológicas da pesquisadora se, ao contrário, as vozes das crianças tivessem sido intencionalmente silenciadas. É o processo dialógico, e não o monológico, que possibilita a constituição do sentido que vem a ser parte integrante da condição humana e um modo de entrelaçar a vida do sujeito aprendente ao movimento de interpretação das coisas do mundo.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. 7ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

FERREIRA, S. "Parece, mas não é": um estudo do movimento interpretativo da criança no diálogo com o texto visual. 2002. 191f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ORLANDI, E. P. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Sueli Ferreira

Possui graduação em Licenciatura em Educação Artística pela Faculdade Santa Marcelina (1976), graduação em Pedagogia Faculdades Padre Anchieta (1973), graduação em Supervisão Escolar de 1 e 2 graus pela Faculdade N. Sr^a. do Patrocínio (1987), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2002). Atuou como pesquisadora do LABORARTE -Laboratório de Estudos sobre o Ensino das Artes da FE/UNICAMP, no período de 1996 a 2010, e foi membro fundador do Grupo de Estudos em Educação e Arte da ANPED. Atualmente é professora colaboradora da Universidade de Uberaba (MG). Tem experiência nas áreas de Gestão Escolar e Psicologia Educacional, atuando, principalmente, nos temas: formação de professores, prática docente, ensino de arte, afetividade e gestão escolar.
sknox@uol.com.br